

“ESSE RIO É MINHA RUA” - IMAGENS COTIDIANAS DA SEMIOSFERA AMAZÔNIDA¹

Carolina Maria Mártires VENTURINI², UFPA

Resumo

É permanente o debate mundial sobre a preservação ambiental da semiosfera amazônida. Tal, tem sua centralidade na (re)-evolução tecnológica que ao orientar a adoção de políticas públicas e sociais - aos “ribeirinhos” / rurícolas / citadinos (categorias de “modo-de-ser-vida”) de amazônidas-paraenses - tornam a fração de tempo para a maturação das impermanências, processos de difusa identidade. Esta proposição intenciona “um olhar” para o mundo particular desta semiosfera quanto a sua sustentabilidade cultural, e, com isto, abrir possibilidades de contribuições teórico-metodológicas para a Comunicação Social no que tange o uso da imagem fotográfica como ferramenta para as pesquisas sociais em suas relações semiológicas imagem-identidade-imaginário. A pretensão em se debruçar para o fazer/pensar relações do cotidiano e da cultura Amazônida com seus rios por meio de olhares imagéticos para uma transcendência do real, buscará interligar fragmentos capturados das ações humanas neste citado espaço, utilizando a fotografia como instrumento maior, revelador de um real e, por seu intermédio na linguagem fotográfica documental e sua narratividade, captar, expor, e ressignificar sentidos aos rios no cotidiano Amazônida, com foco inicial à Cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará - às margens dos rios Guamá e Amazonas. Das várias frentes de estudo em que a pesquisa se encontra, neste momento se dirige (aberta) discussão acerca da temática do evento, no ponto de encontro da materialidade urbana dos rios e ribeirinhos paraenses, que se entrecruzam em um contínuo ato de “pintar” um real (?) ou virtual (?) “modo-de-ser-vida” amazônida. Da imprecisão epistemológica entre os oponentes real/virtual, muitas questões surgem dada a natureza dos fenômenos; parte-se do ponto que, tudo o que move o Universo é real, inclusive a imaginação-significações, e que, a virtualidade cibernética atua na transmissão de saberes e cultura, na experiência do “modo-de-vida-ribeirinho-amazônida”, revelado na presença do corpo físico em relação ao espaço, a não mais somente ver a história, mas também, vivê-la, e ressignificar-se nela.

¹ Pesquisa do Projeto “Imagens cotidianas da semiosfera Amazônida - para uma fotomorfose do olhar” - ILC/UFPA, 2013.

² Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará, email: cventurini@ufpa.br

Palavras-chave

Fotografia, Semiótica da Cultura, Amazônia.

Abstract

The environmental preservation of the amazon semiosphere is a constant theme discussed worldwide. It's fundamentals are about the technology (re)-evolution which recommends the adoption of public and social policies - to the “ribeirinhos” / countrymen / citymen (categories on “the-way-of-life”) of the amazon state of Pará - thus transforming the time reserved for impermanence maturing into diffuse identity processes. This proposal intents is “to look” to this semiosphere's particular world regarding it's cultural sustainability, and from that, open the possibilities of metodological and theoretical contributions to the Social Communications Community about the use of fotografic images as tools for social researches on the image-identity-imaginary semiologic relations. The pretention on getting intimate with the day to day relations and the amazon culture, with it's rivers, through imagetic looks aiming the transcendency from the real world, will try to find a link amongst the captured fragments of the human actions in the above mentioned space, using photography as a bigger instrument, revealing the real world and, through the documental photographic language and narrative, to capture and expose, also re-estate the meaning of the rivers in the day to day of the amazon people, focusing at first on the city of Santa Maria de Belém do Grão - Pará - at the edge of the Guamá and the Amazon rivers. On the various study fields this paper finds itself, at this moment it's is an open discussion regarding the theme of the event, on the intersection between the materiality of the urban rivers and the people from the state of Pará - the ribeirinhos, whom find themselves in a constant “painting” of the real or virtual “way-of-life” of the amazon people. From the epstemologic imprecision between the real/virtual, lots of questions rise on the nature of the phenomenas; from the point that, everything that moves the Universe is real, including the imaginative-significations, and that, the cybernetic virtuality that act on the passing of knowledge and culture, in the experience of “the-ribeirinho-way-of-life”, revealead in the presence of the physical body in relation to the space, in not just watching history, but also, living it, re-inventing it.

Key-words

Photography, Cultural Semiotics, Amazon.

Introdução à Fotografia e as Ciências Sociais

Partindo do pressuposto de que a imagem fixa (fotográfica) é a reprodução mais fiel da realidade, formula-se a afirmativa de que a interpretação propiciada pela significação de tais imagens é instrumento de análise de traços culturais ‘tradicionais’ de um ‘modo-de-ser-amazônida’. Assim, apresenta-se a imagem como instrumento de análise de um ‘modo-de-ser-vida-rural’ em sua configuração como registro etnográfico e como valor significativo de traços identitários.



Figura 1: Vista do outro lado do Rio Guamá (Carolina Venturini, 2000).

O sentido, neste estudo, ao se utilizar a imagem (fotografia) pode parecer o privilegiamento da forma como instrumento de análise, no entanto ela se coloca tal como é forma, discurso, imaginário, cultura, identidade (reconhecimento de si e do espaço) como variantes de uma mesma entidade. A essência se busca, neste estudo, usando material semiótico: imagens produzidas pelos humanos, estético-estáticas (pose) ou expressando forma-simetria-movimento, nos planos de expressão/ação.

Assim, o simbólico emerge como o campo de interação entre o processo ideológico e o processo representativo e a análise das linguagens (via imagens) como o método mais adequado para o estudo desta interação, pois é pelos mecanismos representativos que simultaneamente apreende-se o mundo e partilha-se da construção do imaginário social.

As teorias sobre a identidade/semiótica/cultura/representação social/fotografia, permitiram avançar na construção do instrumental exploratório-descrito deste estudo e apoiar-se nas propostas iniciais de Hall (1988) e sugerir que a polivalência intrínseca a qualquer discurso possibilita uma "leitura" seletiva do mesmo, em função da estrutura identitária do indivíduo num momento dado de sua vivência.

Neste sentido, Silvia Porto Alegre citada por Feldman-Bianco (1998) atenta - nesse processo de compreensão da leitura imagética - para os cuidados na diferenciação de linguagens e técnicas de composição de imagens. Em sua hermenêutica visual dedica-se à atribuição de significados suscitados pela própria imagem.

Dentre essas interfaces alia-se fotografia às ciências sociais, tendo o conhecimento semiótico como definidor de enredos visíveis e invisíveis que tecem re-significações permanentes do cotidiano. Isto impõe repensar formas de captar um homem que seja compatível com essa realidade re-significada; uma nova percepção de mundo da qual originam.



Figura 2: Ribeirinho: chegada (Carolina Venturini, 2000).

A Semiótica da Cultura e a construção do imaginário social

Cultura consiste do modo-de-ser-vida de cada sociedade representada por traços identitários que revelam em sua acepção, a pura relação entre uma determinada sociedade e seu espaço. A cultura torna possível a metamorfose da natureza pela relação de adaptação do

homem ao espaço e vice-versa. Mas como perceber e compreender tais características culturais identitárias de uma comunidade em seu espaço/tempo? Como interpretar tais culturas?

Convive-se num sistema de valores e significações que se transforma permanentemente ante a ação humana num movimento totalitário - como realidade social - na tentativa de impor ou renovar valores de cada símbolo coexistente. As questões desenvolvidas por Lotman (TOROP, <http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos/entre7/torop.htm>) colocam os fenômenos culturais como sistemas de signos, ou sistemas de significação, fazendo-se perceber neste, a cultura como diversas características representativas de uma comunidade - como objetos – ou seja, um processo de signos e significados. Tal modificação - da análise estática à dinâmica -, baseia-se na compreensão da relação entre o holismo e a heterogeneidade, o que o autor conceitua como semiosfera.

Explicam-se assim, também, as representações sociais definidas por Moscovici (1976) como estruturas cognitivas específicas da sociedade contemporânea, socialmente elaboradas e partilhadas, constituindo-se em uma forma de conhecimento primordial, com uma finalidade prática: conhecer e agir sobre o mundo atendendo às necessidades cotidianas. Intelectual ou sensorialmente este senso comum se diferencia das outras formas de conhecimento, por implicar uma relação específica entre o sujeito e o objeto de conhecimento: o sujeito se auto-representa na representação que faz do objeto, ou seja, o sujeito imprime sua identidade naquilo que representa, na concepção de Jodelet (1984).

Estabelecendo relação entre o imaginário cultural e a representação social, Moscovici (1976), instrui que a imagem faz parte das representações sociais. Para ele a imagem é vista como passiva, apreendida de forma reflexa, na consciência individual ou coletiva de um objeto, de um conjunto de ideias que lhe é exterior. Embora faça uma diferença entre imagem e representação social, ele admite que imagem seja utilizada para designar uma organização mais complexa ou mais coerente de juízos de valor ou de avaliação. É concebida como reflexo interno de uma realidade externa, cópia fiel no espírito do que se encontra fora dele, sendo assim uma reprodução passiva de um dado imediato.

Já a representação, por outro lado, deve ser encarada de um modo ativo, pois consiste em modelar o que é dado do exterior, na medida em que os indivíduos e os grupos se relacionam de preferência com os objetos. Em outras palavras, a representação social é uma

modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos.

Destarte o termo imaginário é utilizado para se referir ao resultado das representações sociais que os sujeitos constroem no contato com os objetos, com as pessoas e com as situações vivenciadas no mundo. Quando, num lugar, a essência se transforma em existência, o todo em partes e, assim, a totalidade se dá de forma específica; nesse lugar a história real chega também com os símbolos.

O modo-de-ser nestes espaço e homem contemporâneos, para Sampaio (2007), se caracteriza por uma prótese de sentidos, da própria natureza intrínseca do homem, que desenvolve valores individuais baseados em uma realidade social espelhada por suas necessidades e valores culturais. *O indivíduo coloca na sua relação social, consciente ou inconscientemente, os valores culturais do contexto ao qual pertence e a partir de onde cria, sendo ao mesmo tempo uma nova forma de comunicação de todos com tudo* (SAMPAIO, 2007, p.273).



Figura 3: Homem-natureza, invisibilidade (Carolina Venturini, 2000).

Uma sociedade é formada, assim, por sua unicidade, sua coesão de representações, valores, ideais, sentimentos, normas, linguagens; características únicas estruturadas pela consciência coletiva; a apropriação do grupo de seus próprios saberes é que aponta sua autonomia cultural para registro de sua identidade diante dos fenômenos locais e globais pela aprendizagem de seus próprios costumes, valores e tradição.

Desta forma, coloca-se a cultura também como forma de comunicação e memória, influenciando sobre os comportamentos do grupo, para a não descaracterização de sua identidade, desculturização, ou desterritorialização de seu espaço. Tal percepção e apropriação de seu modo-de-ser-vida coloca a linguagem como meio de representação de significados e valores às coisas, objetos, pessoas e acontecimentos.

Ferreira (2004, p.73) nota que Lotman, em sua tese central à tipologia da cultura, faz uma relação de proximidade entre os conceitos de história, cultura e comunicação - como métodos semióticos - pois, mostra a cultura não como um mero depósito de informações, mas como um sistema complexo e organizado de códigos que conserva e substitui tais informações continuamente através da consciência cultural coletiva. “Recebe as coisas novas, codifica e decodifica mensagens, traduzindo-as para um outro sistema de signos”. Lotman (2004) fundamenta a tipologia da cultura em dimensões construtivas de diferentes sistemas intra e intercultural, bem como, em dimensões culturais de autocompreensão e autodescrição que afetam seu próprio fluxo de desenvolvimento.

Desta forma, tão relevante quanto à mera observação do sistema de signos através da cultura, é a relação signo/signicidade que mais caracteriza a cultura como uma representação comunicativa, como uma linguagem, que se pode aprofundar nas questões propostas por Lotman em seus estudos a respeito da “Semiótica da Cultura”. Como também propõe Ferreira (2004) acerca de discussões sobre registros da memória e da relação espaço/tempo como notáveis e fundamentais no estudo das relações de um social a outro, ou de um indivíduo a outros, traçando a complexidade do compreender e decifrar o que pode ser o outro.

Adentrando a temática, em parte, Maturana e D’Ávila (2004) expõem essa relação como a *autopoiesis*, na qual colocam os seres vivos como sistemas autopoieticos, ou seja, que existem na produção de si mesmos, onde o viver acontece na contínua mudança, no fluir dos processos.

A Semiótica da Cultura, ou o estudo desta linguagem sígnica que conota cultura, como método de percepção, comunicação, história, e memória para compreensão e decifração identitárias de uma relação social espaço-temporal -, pode ser interpretado com o que Maturana e D'Ávila (2004) colocam como o 'languagear', pois as palavras são elementos no fluir da convivência em coordenações de coordenações condutuais e consensuais, tratando-se apenas de observar o que se vive e o que se conota: as distintas classes de comunidades que se habita, ou seja, as distintas redes de conversações que se formam se realizam e se vivem como domínios de convivência - comunidades.

Para eles, se distingue cultura ao se discriminar uma rede fechada de conversações, uma dimensão das diversas dimensões que se vive; uma família, um grupo de amigos, uma comunidade, uma região, determinando assim que cada rede é responsável pela geração e realização de sua própria rede e de seu habitat, seja por conversações de dominação e subordinação ou conversações de colaboração, que tendem a caracterizar as relações sociais possíveis de acordo com cada 'languagear'.



Figura 4: relação natural homem-espaco (Carolina Venturini, 2000).

O espaço e o tempo para o ser humano configuram simbolicamente cronotopos como fundamentos de toda construção narrativa da história; diante disto se percebe claramente a importância semiótica no desvendar dos significados e sentidos de um mundo que se desconstrói a cada entrecruzamento de linguagens.

Para se sentir parte do espaço/tempo em que existe, o ser humano observa a si mesmo e observa ao seu redor na condição de se conhecer e desenvolver. Conhecer é uma ação efetiva do ser vivo para consigo mesmo ou seu espaço, é um tipo de organização autônoma, uma coordenação comportamental nas interações entre os seres e seu espaço, é um fenômeno social, de domínio linguístico, e autoconsciente, que gera não apenas uma observação, mas uma compreensão de como eles experienciam o que observam (MAURANA e VARELA, 2001).

Ainda para Maturana e Varela (2001) a linguagem permite - para quem a ela pertence - descrever a si mesmo e à sua circunstância, isto mostra a amplitude e o caráter da linguagem, ao gerar em si, outro fenômeno qual se chama de mente e consciência (características únicas e íntimas na vida social humana), presente no modo-de-ser-vida, no modo como se organiza e se dá coerência às reflexões sobre o que e quem se é, construindo assim uma identidade, e permitindo-se resguardá-la diante das interações comunicacionais.

Somente quando se produz essa reflexão linguística existe linguagem, o observador surge e os organismos participantes de um domínio linguístico passam a funcionar num domínio semântico. Do mesmo modo, é só quando isso acontece que o domínio semântico passa a ser parte do meio no qual os que nele operam conservam sua adaptação. Isso acontece a nós, humanos: existimos em nosso funcionamento na linguagem, e conservamos nossa adaptação no domínio de significados que isso faz surgir... Somos observadores e existimos num domínio semântico criado pelo nosso modo linguístico de operar. (MATURANA e VARELA, 2001, p.233).

Pensar no ser social, em formas dele se auto-conhecer e desenvolver, se abre o centro de uma reflexão, naquilo que ele é capaz e que se distingue, fazendo-o ver-se a determinada distância e revelar-se uma auto-consciência com relação ao mundo, seria, como diz Maturana e Varela (2001, pp. 269-270), perceber que todo conhecer é um fazer, perceber a identidade entre ação e conhecimento, ver que todo ato humano de construir uma determinada linguagem, ocorre no domínio social. Ou seja, a íntima relação entre o que os sujeitos são e o

que os sujeitos pensam, o sentido (imagens e representações sociais) que o agir tem dentro de uma mais ampla visão de mundo, elaboram a forma como os sujeitos se vêem inseridos nesse mundo.

Essas relações com o mundo, com o outro, envolvem-se numa rede de interesses, comportamentos e valores individuais e grupais, expressos através da cultura, e muitas vezes moldados pelos sistemas culturais sobre o qual vivem; que a determinada cultura previamente designa como normas de vivência entre o grupo. Suas culturas costuram seu modo-de-ser-vida como a uma colcha de retalhos bordada através de seus relacionamentos cotidianos, suas crenças, suas ideologias, sua organização social-política e econômica, moldando formas de pensar, de agir, de selecionar o que vem a ser necessário ou desejável aos interesses individuais e coletivos.

Tal fato mostra a sociologia do conhecimento na relatividade social, pela qual Berger e Luckman (1973, p.13) descrevem, *o que é 'real' para um monge tibetano pode não ser 'real' para um homem de negócios. O 'conhecimento' do criminoso é diferente do 'conhecimento' do criminalista. Segue-se que aglomerações específicas da 'realidade' e do 'conhecimento' referem-se a contextos sociais específicos.* Desta forma, a sociologia do conhecimento vem aprofundar de forma a tratar não apenas a multiplicidade empírica do conhecimento nas sociedades, mas também o processo através do qual o produto desse conhecimento vem a ser socialmente estabelecido como realidade.

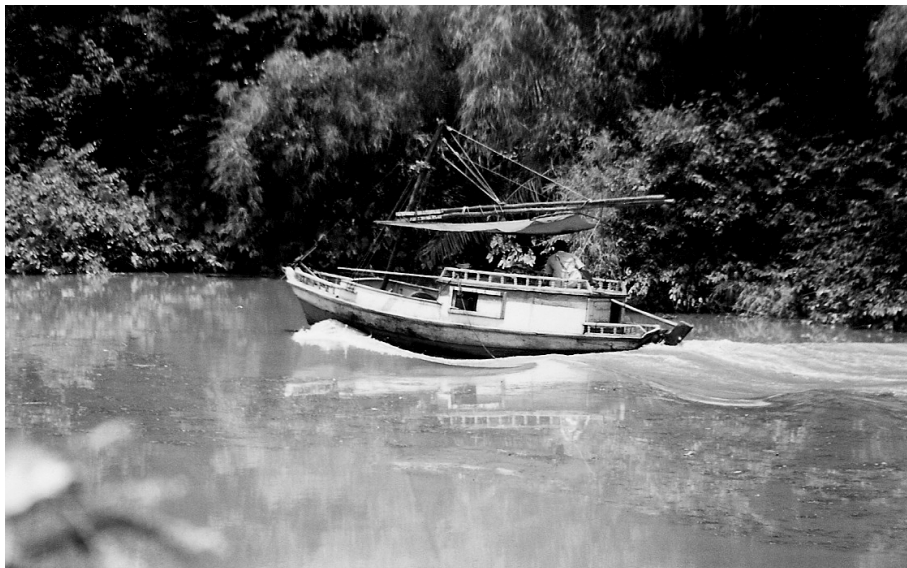


Figura 5: Pô-pô-pô (Carolina Venturini, 2003).

Assim, determina-se que a sociologia do conhecimento estuda os processos de construção social da realidade; ou seja, dos processos nos quais o ser humano conhece-se e compreende-se enquanto meio e enquanto produto deste próprio meio; do que eles pensam ser a realidade, do seu senso comum, da sua vida cotidiana; que apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente. (BERGER e LUCKMAN, 1973, p.35).

O processo de adquirir conhecimento e criar um imaginário sobre si mesmo e sobre o mundo em que se vive, tanto na sociologia do conhecimento de Berger e Luckman (1973), como na biologia humana de Maturana e Varela (2001), quanto na semiótica da cultura de Lotman (2004), dão-se pela interação social, pela comunicação, pelos processos linguísticos. É pela linguagem usada em determinado modo-de-ser-vida e na troca de relações face a face com o mesmo, que se pode perceber a ordem em que este modo-de-ser-vida adquire sentido para os próprios construtores de sua realidade, e significa-se para o mundo.

A linguagem é o sistema de sinais mais importante da sociedade humana; ela tem o poder de transcender-se nas dimensões espaciais, temporais e sociais através de símbolos significativos do imaginário da realidade humana; símbolos estes, quais se designa identidade – conjunto de características pelas quais algo é reconhecido ou definido, qualidade do que é o mesmo -, e imaginário – conjunto de símbolos e atributos de um povo ou determinado grupo social.



Figura 6: Palafita (Carolina Venturini, 1998).

Neste meio, cultura, comunicação, história, linguagem, identidade e imaginário se misturam e se interceptam interdependentemente na compreensão do humano enquanto ser social. O homem vive em várias dimensões, reais e/ou virtuais. A existência humana é marcada sob o ambiente, ou seja, é traçada em um determinado espaço, sob as co-relações do homem com seu cenário natural - *habitat* - e com seu cenário cultural, sua relação em sociedade, pois a cultura, em um entendimento amplo, trata-se por um conjunto de características humanas (valores, instituições) que se criam, se preservam, e se aprimoram no processo de desenvolvimento de uma sociedade.

Considerações sobre o rio, a rua, e a Amazônia

A Amazônia possui sua particular identidade assim como qualquer espaço local; seja pela história, pela ciência, pela arte, ou pela comunicação, tem uma imagem mundial de uma área de mais ou menos 7,5 milhões de Km² de floresta tropical úmida, com uma das maiores bacias hidrográficas do planeta, detentora de uma grande biodiversidade, e habitada por populações das mais diversas raças. Mas esta, na verdade, se torna uma visão simplificada, se levar-se em conta, que a identidade de um espaço-local não se dá somente pelos seus aspectos demográficos, mas também pelos sociais, econômicos, culturais, políticos, comportamentais, e psicográficos.



Figura 7: Alimento (Carolina Venturini, 2000).

A identidade amazônica foi e é contextualizada pelos múltiplos povos que a habitam, pelas múltiplas culturas que nela convivem, que assim geram múltiplas interpretações e identidades. A exemplo, como “natureza imaginária” – intocada, preservada, tradicional; como região periférica – subordinada a hierarquias de poder dentro de seu próprio país; como produto nacional – fonte de recursos naturais para o futuro; como vazio demográfico – dificuldade de se manter uma integridade territorial; como reserva de recursos – maior biodiversidade do planeta; como região atrasada – na qual faltam informação e tecnologia para suplementar os quesitos fundamentais de desenvolvimento, de modernização, e de progresso.

A maioria dessas identidades culturais imaginárias retrata a Amazônia por diferentes pontos de vista, e diversas análises de dimensões e aspectos característicos que distinguem categorias sócio-ambientais quanto à pressão de uso e impacto exercidos sobre o ambiente, relacionados ao modo como é ocupado, explorado, e concebido na relação homem-trabalho com a natureza.



Figura 8: Ribeirinho: partida (Carolina Venturini, 2000).

Perceber e compreender o cotidiano revela as experiências históricas e sociais de um sujeito ou de uma comunidade, e seus processos de transformações. Identificar e desvelar sua identidade natural, não só como memória, mas como instrumento de percepção do passado, revela por suas representações, como os próprios sujeitos se vêem como atores de sua vida social.

Os caminhos se traçam em meio à floresta, ao chão de terra coberto por árvores que formam infindáveis túneis, ou ao largo rio e rasos igarapés que findam “logo ali”. Os homens perpassam por estes caminhos como se fossem cegos, sabem os cruzamentos de cada um, onde começam, onde vão dar, têm um bom reconhecimento de seu espaço. A bússola do ribeirinho é o coração, o sol, o rio.

Assim, a cultura, revelada nas imagens fotográficas, coloca-se como uma lente, pela qual o homem perceberá o mundo e a si mesmo, como ser social-espaço-temporal, e se refletirá na construção e desenvolvimento de sistemas para a sua sustentabilidade.



Figura 9: Porto (Carolina Venturini, 2013).

Referências

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papyrus, 1994.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara.** 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Coleção Obras Escolhidas no. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. 12.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

DURAND, Gilbert. **O Imaginário:** ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 2.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

FELDMAN-BIANCO, Bela, LEITE, Miriam L. M. (orgs.). **Desafios da imagem:** Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória e outros ensaios.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

JODELET, Denise. "**Représentation Sociale:** Phénomene, Concept et Théorie". In *Psychologie Sociale*. (org. Serge Moscovici). Paris: PUF, 1984, p. 357- 379.

LOTMAN, Yuri M. **El arte como lenguaje.** Disponível em: http://sisbib.unmsm.edu.pe/BibVirtual/libros/literatura/Lect_teoría_lit_I/Arte_cómo_lenguaje.htm. Acesso em: jul/2013.

MATURANA, Humberto, D'ÁVILA, Ximena. **Cultura e Autopoiesis.** Anais do Interculturalidades. (Transcrição da Conferência realizada no Centro de Artes da UFF no dia 26 de julho de 2004). p. 16-27.

MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco J. **A Árvore do Conhecimento.** São Paulo: Palas Athena, 2001.

MEDEL, Manuel Ángel Vázquez. **La Semiótica de la cultura y la construcción del imaginario social.** Disponível em: <http://www.cica.es/aliens/gittcus/medelju.html>. Acesso em: jul/2013.

MOSCOVICI, Serge. **La Psychanalyse son Image et son Public.** 2.ed. Paris: PUF, 1976.

SAMPAIO, Valzeli F. **Reflexões sobre tecnologia e cultura.** Anais do 15o Encontro da ANPAP. p. 272-276.

TOROP, Peeter. **La semiosfera y/como el objeto de investigación de la semiótica de la cultura.** Disponível em: <http://www.ugr.es/~mcaceres/Entretextos/entre7/torop.htm>. Acesso em: jul/2013.

VENTURINI, Carolina M. M. **Terra de Tauá:** a imagem fotográfica na significação e re-significação do rural amazônico. Belém: 2008, 120fls. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, 2008.